

Garcia D'Orta: fonte de referência para Bluteau

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara (SP) – Brasil

Em 1886 saiu publicada pela Imprensa Nacional em Lisboa a obra *Garcia da Orta e o seu tempo*, de autoria do renomado botânico português Francisco Manuel de Mello Breyner, 4º Conde de Ficalho, obra fundamental para conhecimento do médico e botânico Garcia d'Orta que, após exercer a medicina no interior de Portugal, embarcou em 1534 na nau Rainha em companhia de Martim Afonso de Sousa com destino à Índia. Aí fixou-se na cidade de Goa, onde residiu até 1568, quando veio a falecer.

O livro de Ficalho teve em 1983 uma publicação fac-similada, também pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, fazendo parte da coleção Temas Portugueses. Este trabalho de Ficalho, encomendado pela Academia de Ciências, antecedeu em 5 anos a publicação que ele faria da única obra escrita por Garcia d'Orta intitulada *Coloquios dos Simples e Drogas e cousas medicinais da India*, considerada o marco das ciências naturais do quinhentismo português.

A 1ª edição dos *Coloquios* de Orta, obra objeto de nosso estudo, veio à luz em 1563 pela oficina tipográfica de Joannes de Endem, na cidade de Goa, onde residia o autor. Repleta de erros tipográficos, erros de paginação e de numeração dos colóquios, o trabalho de Orta ficou desconhecido e teve uma tiragem bastante reduzida. Entretanto, em 1567, o botânico francês Charles de l'Escluse, mais conhecido por seu nome latino Carolus Clusius, após a leitura da obra de Orta, resolveu publicá-la em latim, procedendo a algumas alterações. Clusius desfez a forma dialogada, mudou a ordem dos colóquios e acrescentou gravuras das plantas estudadas por Orta e deu por título *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud indos nascentium historia*.

A edição de Goa, como é conhecida, foi escrita por Orta em forma de diálogos entre dois interlocutores – Ruano e o próprio Orta – que de um modo informal trocam informações sobre plantas, drogas da Índia e suas propriedades curativas, e sobre doenças que àquela época acometiam indianos e portugueses. Ao longo de 59 colóquios que formam um texto completo cada um, os interlocutores discorrem sobre a importância das plantas e dos procedimentos médicos adotados para cura de algumas doenças.

O grande valor do livro de Orta está no fato de que seu autor descreve toda a sua experiência baseada na observação direta do real. Como diz Ficalho (1983:283):

“A significação do seu livro procede, pois, d’esta situação particular. Entre os viajantes era um erudito; e entre os eruditos era um viajante. Dos que viram distinguuiu-se pelo que tinha lido, dos que leram pelo que tinha visto”

E mais adiante Ficalho (1983: 299) reafirma:

“Orta confia sobretudo no que vê; tem sempre em atenção o *facto*. E quando o *facto* contraria as suas opiniões anteriores, ou vae de encontro ás suas respeitadas auctoridades, elle constata tranquillamente, que é *um facto*. N’esta independencia de espirito, n’esta confiança na observação, reside todo o valor e toda a significação do seu livro. É d’estas qualidades, que Orta deriva o seu cunho de verdadeiro naturalista; é por ellas que se distingue dos *commentadores* seus contemporaneos”.

Após essas breves considerações sobre a obra *Coloquios* de Orta e sobre a de Ficalho, passamos a tratar do objetivo que nos levou a escrever este texto.

Há aproximadamente 2 anos, iniciamos uma pesquisa tendo como objeto de estudo a obra *Coloquios* acima citada e como objetivo de pesquisa a organização do vocabulário dela extraído.

O material lingüístico-filológico que a obra nos oferece é bastante vasto e nos permite estudá-la sob diversas perspectivas, sendo uma delas, além da organização lexical, a sua importância como obra de referência para dicionários de língua portuguesa produzidos em séculos posteriores.

Durante a organização do repertório lexical extraído dos *Coloquios* e a consulta das unidades referentes às plantas, mezinhas, drogas, simples, doenças, usos e costumes dos habitantes da Índia portuguesa em dicionários de língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX, observamos que muitas das definições dadas por Orta estavam registradas em obras lexicográficas como o *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728) de Raphael Bluteau, *Diccionario da Lingua Portuguesa* de António de Moraes Silva, em suas edições de 1789 e 1813 e até mesmo em obra bem mais recente de José Pedro Machado, seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (1967), onde Orta aparece referendando um certo número de plantas e sua obra indicada como a datação provável da palavra na língua.

Centramos, então, a nossa atenção no *Vocabulario* de Bluteau, obra considerada o marco da lexicografia portuguesa no século XVIII, inaugurando uma nova fase na elaboração de dicionários, onde o corpus de referência passa a ser fundamental. Bluteau publicou pelo Collegio das Artes da Companhia de Jesu os 8 volumes que compõem o seu *Vocabulario* de 1712 a 1721. Nos anos de 1727 e 1728 são publicados mais dois volumes de *Supplemento* que completam o valioso conjunto. Sobre a obra de Bluteau assim se manifesta Verdelho (1994:674-675):

“Entre os vocabulários bilingues de origem renascentista e os dicionários monolingues modernos, situa-se a obra mais monumental da lexicografia portuguesa o *Vocabulario Portuguez e Latino* (Bluteau, 1712-1728) que ao

longo de 10 volumes “in folio”, confeccionados com preciosas encadernações e grande requinte tipográfico, recolhe um abudantíssimo corpus lexical português, com uma pormenorizada explicitação referencial e semântica. O latim é objeto de uma informação muito sumária e tão pouco significativa, no conjunto da obra, que pode ser considerada essencialmente monolíngue”.

A consulta sobre plantas, drogas e doenças extraídas do livro de Orta no *Vocabulário* de Bluteau nos levou a detalhar ainda mais a nossa pesquisa, já que Bluteau, na sua relação de autores portugueses que abonam os verbetes de seu dicionário, não registra Orta e seus *Coloquios* e nem a obra de Carolus Clusius, considerado o responsável pela divulgação do trabalho de Orta.

Num primeiro momento, fizemos um levantamento minucioso no catálogo de autores portugueses citados por Bluteau que teriam tratado de plantas, propriedades curativas e procedimentos médicos. Neste catálogo, constam 288 autores portugueses e suas obras relacionadas. Localizámos 09 autores que escreveram sobre medicina e 03 sobre cirurgia; nenhum autor sobre história natural ou botânica. Passamos, em seguida, à consulta do catálogo *Abreviaturas das citações dos livros portugueses e a declaração, em dellas* e nele encontramos duas obras em cujo título há menção a plantas: *Tratado das Significações das plantas*, de Fr. Isidoro Barreira, e *Vergel das Plantas e flores da Provincia de Madre de Deos*, de Fr. Jacinto de Deos (1690). A 1ª aparece nesse catálogo, mas seu autor Isidoro Barreira não está mencionado nos outros catálogos. E a 2ª obra está classificada por Bluteau na subdivisão História das Religiões no Reino de Portugal. Ainda nesse catálogo localizamos 6 obras que são relações e itinerários de viagens à Índia, obras que poderiam ter fornecido a Bluteau informações sobre plantas medicinais.

Na relação dos escritores latinos, num total de 51 autores “para exemplares da boa latinidade”, como diz Bluteau, encontramos apenas Plínio Senior e sua *História Natural*.

Restava-nos consultar a relação dos autores citados por Orta ao longo de seus *Coloquios*. Tal relação se encontra bastante detalhada na obra do Conde de Ficalho *Garcia da Orta e o seu tempo* (1983: 284 a 298) e registra o nome de 52 autores e suas obras entre gregos, latinos, árabes, espanhóis, portugueses, alemães, italianos, hindus e judeus. Dos escritores portugueses, Orta cita Amatus Lusitanus – nome latino de seu contemporâneo João Rodrigues de Castelo Branco, renomado médico português do século XVI – e Gaspar Barreiros, e desses dois nomes apenas Gaspar Barreiros está citado, com a mesma obra em Bluteau. Mas a obra de Barreiros não é sobre plantas ou prática médica, mas é uma corografia, ou seja, “uma descrição particular de algum Reino, ou Região”, segundo Morais em seu *Diccionario* (1789).

Dos vários escritores latinos consultados por Orta, apenas Plínio, o Velho (denominado Secundus por Orta e Senior por Bluteau) e sua *Historia Naturalis* ou *Historia Mundi* estão mencionados.

Não havendo, portanto, quase nenhuma identidade entre os autores citados, restava-nos o confronto entre as definições dadas por Orta e as registradas por

Bluteau. Foi a partir de tal confronto entre definições que concluímos que Bluteau teve a obra de Orta como fonte de referência não a mencionando em nenhum de seus catálogos. Passamos, agora, a alguns exemplos extraídos das duas obras, mostrando a relação entre ela¹. Começando pelo “costo”, planta cuja raiz é usada como medicamento, observamos algumas semelhanças nas definições. Vejamos no diálogo entre Ruano e Orta o que este diz:

“...isto vos digo, porque o arvore do *costo* he tamanho como hum azimbro ou medronheiro grande, ou sabugueiro. E a frutice, como tinha o pao? Era mole, ou delgado ou grosso; despedia bem a casca ou não?” Ao que responde Ruano:

“Mole e despedia bem a casca”. Orta, então, lhe afirma:

“Pois estoutro he contrario, que he pão duro, e não tem casca separada” (1891, vol. I: 259)

Em diálogo na página anterior Ruano diz:

“E o que dizeis do *costo doce e amargoso*?” (1891, vol. I:258)

Bluteau define o “costo”, reunindo as informações de Orta:

“He o nome de huma raiz, & de huma erva. O *costo* verdadeyro he huma raiz succosa, da grossura do dedo polegar, pouco mais, ou menos de côr branca, & sabor aromatico, & cheyroso, com alguma acrimonia & mistura de doce, & amargoso”.

De um modo geral, as passagens parecem estar reproduzidas em Bluteau. Mas vejamos como ambos tratam as espécies de “costo” existentes. Afirmo Ruano:

“Todos põem tres especies; scilicet, *arabio*, este dizem ser branco e leve e aromatico; outro dizem ser *indico*, negro e leve e amarguo; e outro dizem que he da *terra da Siria*, de cor de pão de buxo; o cheiro he estitico. Tambem dizem *costo doce e costo amarguo*” (1891, vol. I: 257).

Bluteau define as espécies da seguinte maneira:

“Fizerão os antigos menção de tres castas de *costo* verdadeyro, a saber *costo Arabico*, que he branco; *costo Indico*, que he negro, duro, & lizo, & antes parece pedaço de pao de carvalho, que raiz; & *costo Syriaco*, que he o pesado & tira à côr do buxo”.

¹ Para os exemplos extraídos da obra *Coloquios*, utilizamos a edição de 1891 do Conde de Ficalho.

No verbete de Bluteau não há abonação da referência. Faz ele apenas menção a Laguna que não está em sua relação de autores, mas se encontra citado por Orta.

O colóquio sobre o “costo” é o décimo sétimo e trata também da cólera, doença já àquela época endêmica na Índia. Nesse colóquio nossas suposições quanto a Bluteau ter consultado Orta começam a se confirmar.

Nos meios científicos é sabido que foi Garcia d’Orta o primeiro a descrever a doença cólera, por ele denominada “colerica passio”, e a dar um tratamento médico adequado ao paciente acometido por ela. Durante a descrição que Orta faz dos sintomas da doença afirma (1891, vol. I: 261):

“Acerqua de nós he *colerica passio*; e os Indianos lhe chamão *morxi*; e nós corruptamente lhe chamamos *mordexi*” (...) “Cá he mais aguda que em nossas terras, porque comumente mata em vinte e quatro oras; (...)”.

O *Vocabulario* de Bluteau registra COLERA², não se referindo à doença endêmica, mas a um dos 4 humores do corpo humano, correspondente a bile. Também Morais nas duas edições de seu *Diccionario*, segue a posição de Bluteau. Entretanto, este (e também Morais) registra MORDEXIM e sua definição corresponde à descrição de Orta. É de se ressaltar que no verbete MORDEXIM não há nenhuma abonação. Há apenas um exemplo contextualizando a unidade lexical extraído da obra *Vergel das Plantas* de Fr. Jacinto de Deos. Diz Bluteau em sua definição:

“MORDEXIM – He o nome que dão os Indios a huma doença, que entre elles he ordinaria, por causa dos continuos suores, originados das grandes calmas, com que evaporão os espiritos, & se enfraquece muito o estomago. De maneira que mordexim he propriamente indigestão, & falta de cozimento, que naquellas partes he muito perigoso, se lhe não acode logo com o remedio da terra, que he applicar hum ferro em braza, & delgado a modo de espeto, debaixo do calcanhar”.

Confrontemos com alguns trechos do texto de Orta, onde descreve os sintomas:

“O pulso tem muyto summerso, que poucas vezes se sente; muyto frio, com algum suor tambem frio; queixase de grande incendio e calmosa sede; os olhos sam muyto sumidos; nam podem dormir; arrevesam, e saem muyto, até que a vertude he tam fraca que não póde expellir cousa alguma; tem caimbra nas pernas” (1891, vol. I: 262). E mais adiante completa Orta (1891, vol. I: 262):

² A maiúscula indica a letra usada por Bluteau para a entrada no *Vocabulario*.

“Isto não padeçe tardança; emtanto ponham fogareiros e esquentemlhe o corpo; esfreguemlhe o corpo com panos asperos, (...) cautirizemlhe os pés com ferro quente (...)”.

O diálogo entre Orta e Ruano é muito mais longo, pois além de falar dos sintomas e dos medicamentos empregados, fala também das causas da doença.

Dos trechos acima de Bluteau e Orta, dois pontos devem ser destacados: Bluteau emprega o sintagma “grandes calmas” e Orta “calmosa sede”. O substantivo “calma” significa o mesmo que “calmaria”, ou seja, “quando o Sol he muito quente, & nam corre Ar” (Bluteau); ou, como define Morais (1789): “o calor, que o Sol causa. A hora do dia em que o calor he mais intenso”.

Orta emprega o adjetivo “calmosa”, derivado de “calma”, e apenas desta base lexical poderia derivar “calmosa”. Quanto a “applicar hum ferro em braza... debaixo do calcanhar”, como diz Bluteau, pode ser considerada a frase uma paráfrase de “cautirizemlhe os pés com ferros quentes”.

Durante o nosso trabalho de confronto das definições, fomos informados pela Prof^a Maria Filomena Gonçalves de que, em consulta ao *Vocabulario* de Bluteau, havia encontrado uma referência a Orta no verbete ANIL. Verificando em Bluteau, encontramos a seguinte indicação bibliográfica:

“ANIL – No cap. 26. Do livro 2 diz Gaarcia da horta, que esta palavra he Turquesca”. Ora, Orta divide todo o seu trabalho em colóquios, daí o título da obra, e não em capítulos e livros. Consultamos, então, a edição de 1567 de Carolus Clusius e a indicação é exatamente a mesma. A partir daí, tomamos conhecimento de que Bluteau também consultou a edição de Clusius. Nossa atenção voltou-se também para a Clusius, na tentativa de confirmar que Orta foi fonte de referência para Bluteau.

De posse dessa informação, consultamos a edição de Clusius e em dois momentos ele menciona a cólera: no livro I, cap. XLIII – *De ligno colubrino*, p. 185 e no livro II, Cap. XXII – *Das Curcas*, p. 24, onde o autor fala da “cholera morbus” ou “colericæ passionis”. Nas duas passagens, Clusius não menciona os procedimentos médicos adotados. Acreditamos, portanto, que Bluteau consultou a edição de Goa, pois tais informações só nelas são encontradas.

Em outro momento, Clusius é novamente citado no verbete EMA do *Vocabulario* e no volume do *Supplemento*, na parte intitulada “*Nomes de Plantas tomados do latim, e grego para evitar cirunlocuc,oens*”, Bluteau menciona Clusius no verbete *bulbo monophillo*.

Salientamos, ainda, como exemplo, a unidade lexical “datura”, que é descrita no *Coloquio Vigesimo* de Orta sob o título: *Da Datura e dos doriões*. Como “datura” não está dicionarizada em Bluteau e nem em Morais, para termos um ponto de partida, recorreremos ao *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de Machado (1967). Este registra “datura” e com a datação do século XVI e transcreve a parte inicial do *Coloquio Vigesimo* de Orta. Machado, entretanto, indica a variante “dutró”

para “datura”. E é “dutró” que Bluteau registra e define. E o que diz o monge teatino sobre essa planta narcótica de uso tão freqüente entre os nativos da Índia?

“DUTRÓ – (Palavra da India) . He huma herva da India, a qual lança de si huns pomos, que embebedão muito, & tão to que a pessoa, a que se dá ou em vinho, ou em agoa, ou no comer, por espaço de vinte & quatro horas, se não levanta, nem está em seu acordo”.

Após a definição, Bluteau dá o seguinte exemplo, extraído da obra de Ruy Freire de Andrada, em *Commentarios*, p. 152: “Vinho bem cheo de *Dutro*”. Bluteau nos fornece apenas um exemplo contextualizando a unidade.

Se compararmos a definição de Bluteau e a de Orta, vamos encontrar pontos comuns. Orta noz diz:

“(...) e a maneira que qua há de roubar he deitandolhe esta mezinha no comer; porque se faz estar com este acidente vinte e quatro oras” (1891, vol. I: 295).

Esta passagem faz referência ao fato de a planta ter sido dada por uma negra à sua senhora com o objetivo de roubar-lhe as jóias. Adiante Orta completa:

“(...) E a gente desta terra não tem isto por cousa perigosa, nem se tem por ruindade fazerse, senão quando se faz com máo fim (...)” (1891, vol. I: 296).

Consultámos, em seguida, o *Aromatum et Simplicium* de Clusius (1567), que descreve em latim o que Orta diz em língua portuguesa. É do texto latino que Bluteau extraiu sua informação, que transcrevemos (1567, Liber II: 241): “Durat vero haec mentis alienatio viginti quatuor horarum spacio”. Confirma-se, assim, mais uma vez, a consulta de Bluteau a Orta como fonte de referência.

Acrescentamos, finalmente, um último exemplo e neste aparece mencionado Garcia d’Orta. No verbete PAO, em uma sub-entrada, “Pao de cobra”, Bluteau diz: “Garcia da Horta traz tres castas delle”. Bluteau refere-se ao *Coloquio Quadragesimo Segundo Do pao da cobra, e he de tres maneiras*. Neste colóquio Orta nos fala de uma raiz muito usada na Índia contra mordedura de serpentes venenosas. Bluteau não menciona as espécies mas transcreve no verbete toda a descrição que Orta faz da planta e de suas propriedades curativas. Chega mesmo a mencionar o animal que o botânico português denomina de *quil* ou *quirpele*, uma espécie de furão, que, ao ser picado por cobra venenosa, come a raiz “pao de cobra”, livrando-se do envenenamento.

Com esse último exemplo, tivemos a certeza e a segurança em afirmar que Bluteau consultou as duas edições da obra de Garcia d’Orta.

Nosso objetivo com este trabalho é mostrar a importância do corpus de referência na obra de Bluteau. Além das 410 obras que compõem o corpus, outras mais

podem ser encontradas no interior dos verbetes de seu *Vocabulario*. Os *Coloquios* de Orta foram apenas uma das que detectámos; outras fontes podem ser localizadas sem que Bluteau as tenha relacionado em seus catálogos, e outros autores aparecem no interior dos verbetes, como: Dioscórides, Laguna, Avicena, Galeno, Averroés, Nebrija, apenas para citar alguns que também foram mencionados por Orta.

Quanto às possíveis causas que levaram Bluteau a omitir o nome de Orta e de sua obra, apresentamos duas hipóteses: 1) o volume de obras de referência catalogado por Bluteau é realmente muito grande e a falha seria possível, já que Bluteau fez o seu *Vocabulario* sozinho; 2) Garcia d'Orta foi processado e condenado *post-mortem* pela Inquisição de Goa e Bluteau foi qualificador do Santo Ofício de Lisboa, durante o reinado de D. João V. Tal fato, muito provavelmente, teria levado Bluteau a omitir o nome do botânico português. As duas hipóteses não são excludentes e podem ter contribuído para que nome e obra não constassem dos catálogos.

Os *Coloquios* de Orta podem ser considerados uma obra para-lexicográfica, pois, ao definir as plantas, drogas, doenças e medicamentos, além de usos e costumes na Índia portuguesa, fornece definições para os dicionários que foram elaborados nos séculos posteriores e em especial as obras de Bluteau e Morais.

Orta, ao recortar o mundo extralingüístico, emprega um modelo de definição que parece ser comum àquela época e que aparece reproduzido nos dicionários acima mencionados. Usando da clássica definição aristotélica que determina o "gênero próximo" e relaciona a "diferença específica", cria um tipo de definição. Determinado o termo genérico que encaixa o objeto do mundo numa classificação, elabora a 2ª parte da definição através da comparação com outros objetos já conhecidos. Tal procedimento pressupõe que o objeto da comparação, no caso as plantas medicinais, seja conhecido.

Da análise das diversas definições encontradas pudemos organizar uma tipologia que também é empregada, muitas vezes, por Bluteau. Assim, a parte comparativa da definição apresenta a tipologia seguinte:

- 1) feito a feiçam de.../ de feiçam de.../ da feiçam de...;
- 2) parece.../não parece.../ parece com o que.../ parece a de.../;
- 3) he semelhante a ...;
- 4) he como ...;
- 5) do tamanho de ...;
- 6) a modo de ...;
- 7) cheira a ...;
- 8) menos / mayor que;
- 9) algum tanto.../ não tanto....

Raphael Bluteau, mesmo não tendo citado Orta nos diversos catálogos de seu trabalho lexicográfico, utilizou direta ou indiretamente a obra do médico e botânico português na elaboração de suas definições lingüísticas e enciclopédicas.

Tanto os *Coloquios* de Orta quanto o *Vocabulario* de Bluteau devem ser considerados marcos importantes na cultura portuguesa: Orta nas ciências naturais de quinhentos e Bluteau na lexicografia de setecentos.

Referências bibliográficas.

- BLUTEAU, P.R (1712/1721). *Vocabulario Portuguez e Latino*. Collegio das Artes da Companhia de Jesu.
- CLUSIUS, C. (1963) *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud indos nascentium historia*. Edição fac-similada. Amsterdam: Nieuwoop B. de Graaf.
- CONDE DE FICALHO. (1983) *Garcia da Orta e o seu tempo*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda.
- ORTA, G. d' (1891) *Coloquios dos simples e drogas e cousas medicinais da India*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VERDELHO, T.(1994) *Portugiesisch:Lexikographie/Lexicon der Romanistischen Linguistik*. Vol. VI – 2, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 673-692.